

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Paula da Silva Prasdio

***BORBOLETA É COISA DE MENINA, NÉ?:***  
**fatores que podem influenciar as crianças**  
**no momento em que desenham**

Porto Alegre  
1º semestre  
2015

Paula da Silva Prásdio

***BORBOLETA É COISA DE MENINA, NÉ:***

fatores que podem influenciar as crianças  
no momento em que desenham

Trabalho de Conclusão apresentado à  
Comissão de Graduação do Curso de  
Pedagogia – Licenciatura da Faculdade  
de Educação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, como requisito parcial  
e obrigatório para obtenção do título  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Darli Collares

Porto Alegre

1º semestre

2015

***Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.***

**Cora Coralina**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha família e ao Cristian, por cuidarem de mim, por terem paciência e por me ajudarem durante os quatro anos de graduação, além de me apoiarem e torcerem, até mesmo em silêncio, principalmente na reta final: o temido e esperado TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Obrigada!

Agradeço às amigadas conquistadas ao longo do curso, principalmente à Larissa, que esteve do meu lado desde o começo e que, muitas vezes, me ajudou a encarar tudo. Obrigada!

Quero agradecer também ao “quarteto” do qual faço parte, formado no oitavo semestre. Meninas com quem dividi ansiedades e frustrações e me diverti muito. Ellen, Flávia e Luana, obrigada!

Agradeço à Sílvia, por me ajudar sempre e me orientar em meu trabalho de conclusão, demonstrando a amizade e o companheirismo de sempre. Agradeço, também, à Cristiane, que me ouviu sempre e que apoiou minha pesquisa. Obrigada!

Agradeço às crianças que me fizeram olhar para frente e reconhecer que gosto do que faço, gerando em mim a dedicação e a vontade de ser sempre melhor. Obrigada!

Por fim, gostaria de agradecer à minha orientadora, Darli Collares, que me amparou nos momentos de ansiedade, deu a orientação necessária para que meu trabalho tivesse a qualidade que merece e entendeu meu jeito “rapidinho e nervosinho”. Obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata da temática do desenho na Educação Infantil, tendo, como questão problematizadora, que fatores podem intervir nas decisões das crianças no momento em que desenhavam. Para seu desenvolvimento, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa, ancorado, principalmente, nos estudos de Pillar e Rangel, tendo também contribuições de estudos de Piaget. A coleta de dados aconteceu através de cinco encontros estruturados realizados com quatro crianças do Jardim A de uma Escola de Educação Infantil de Porto Alegre. Através dos dados obtidos nesses encontros, a partir de desenhos e falas das crianças, foi possível perceber que, nesse grupo, três fatores principais interviram nas suas decisões enquanto desenhavam: o gênero e a mídia, a família, e a cooperação entre os pares. Foi possível, também, perceber uma necessidade de romper com a prática estereotipada do uso do desenho, bem como a necessidade de ampliar o repertório de imagens e de materiais sobre expressão gráfica para as crianças.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Desenho. Desenho infantil. Fatores. Crianças.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	8
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA: CAMINHOS TRILHADOS</b> .....	10
3.1 OBJETIVOS .....	10
<b>3.1.1 Objetivo Geral</b> .....	11
<b>3.1.2 Objetivos Específicos</b> .....	11
3.2 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA .....	11
3.3 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS .....	12
3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	13
<b>3.4.1 Questões de Gênero e Mídia</b> .....	14
<b>3.4.2 Presença da Família</b> .....	15
<b>3.4.3 Cooperação entre Pares</b> .....	17
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	18
4.1 QUESTÕES DE GÊNERO E MÍDIA: “DESENHAR É FAZER O BUMBLEBEE, FAZER CAMINHÃO, CARRO .....	18
4.2 A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ELABORAÇÃO DE DESENHOS: “MINHA MÃE ME AJUDOU.” .....	21
4.3 COOPERAÇÃO ENTRE PARES: “QUER QUE EU FAÇA PRA TI? EU FAÇO.” .....	25
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	28
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30
<b>ANEXOS</b> .....	32

## 1 INTRODUÇÃO

Minha prática, posso assim dizer, é marcada em dois locais diferentes: o meu local de trabalho, uma escola particular localizada em Porto Alegre, e a minha prática de estágio, realizada em uma creche pública, também nessa cidade. Ambos me marcaram pelo prazer em trabalhar com crianças e com desenhos. Para pensar neste assunto, com vistas ao meu trabalho de conclusão de curso, e definir o tema de pesquisa, resolvi, portanto, lembrar o que já vivi durante minha prática docente e durante meu curso de Pedagogia.

Em meu relatório de estágio, pude perceber o quanto fiz uso de diferentes materiais e de variadas técnicas para explorar o desenho. Com as crianças, fiz uso do desenho em sala de aula, no pátio e até mesmo no chão do corredor da creche. Em meu local de trabalho, fiz uso do desenho para me aproximar dos meus alunos e conhecê-los melhor, além de possibilitar um momento de tranquilidade e de criatividade, após um longo dia na escola.

Foi uma frase dita por um aluno - “Eu só sei desenhar isso!” -, que me fez pesquisar sobre o assunto e focar a pesquisa no desenho ao longo da Educação Infantil. Tenho, como problema de pesquisa a seguinte pergunta: que fatores podem intervir nas decisões das crianças no momento em que desenhavam?

Para o desenvolvimento da pesquisa, organizei algumas propostas pedagógicas, com uso de diferentes materiais e técnicas. O resultado dos estudos e investigações está organizado, neste trabalho, em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, apresentarei o resultado de meus estudos sobre o conceito de desenho, tendo, como hipótese norteadora, a ideia de que o desenho é uma das linguagens mais associadas às atividades infantis, enfatizando sua importância. Para ter clareza acerca dos estudos sobre o desenho, atento, principalmente, às palavras de Analice Dutra Pillar (1996; 1999) e Susana Rangel Vieira da Cunha (2005; 2006; 2007; 2012).

No segundo capítulo, apresento os caminhos trilhados nesta pesquisa: objetivos, metodologia, estratégias, sujeitos, como foram pensados e feitos os encontros, e o que foi realizado, com as crianças, durante esses encontros, e os dados obtidos a partir deles. Além disso, apresento as categorias norteadoras das análises dos dados coletados, com enfoque em gênero e mídia, na intervenção das famílias e na cooperação entre pares, tendo, como referência, Susana Cunha (2005; 2006; 2007; 2012), Jean Piaget (1978) e Moacir Carneiro (2010). No terceiro capítulo, ocupo-me da análise dos dados, tendo, como referência, as categorias expostas no capítulo anterior, e abordando fatores que podem influenciar as decisões das crianças no momento em que desenham. Trago, para isso, suas falas e desenhos, os quais exemplificam as análises feitas.

Por fim, apresento as conclusões provisórias, posicionando-me a respeito das inferências que fiz sobre os comentários das crianças enquanto desenham, destacando, nessa perspectiva, fatores que as influenciam nessa atividade. Destaco, ainda, a relevância da experiência de investigação em minha formação, apontando rumos futuros.



## 2 O DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desenho é uma das principais linguagens da criança, sendo algo muito presente na Educação Infantil (ORTEGA; MANZANO, 2010). Segundo Pillar (1996, p.45), “o desenho é a expressão do que a criança pensa e sente, ou seja, é um espelho, uma imagem representativa dela própria”. A partir do seu próprio desenho a criança é capaz de criar, contar e recontar histórias sobre si mesmo e sobre o mundo, seja ele real ou imaginário, e isso é algo presente ao longo de toda a vida dessa criança, pois os adultos, assim como as crianças, fazem uso do desenho como forma de linguagem (PILLAR, 2006).

A partir de leituras que fiz, com o objetivo de saber mais a respeito do desenho infantil, pude perceber que o desenho da criança passa por fases, de acordo com a idade e que o desenho da criança, além dessas fases, sofre influência de fatores que a envolvem. Também pude perceber algo que eu já tinha em mente e acreditava, quanto mais estímulo e liberdade a criança tivesse, mais ela e seu modo de expressar graficamente estariam em desenvolvimento.

É importante considerar o ato de desenhar como a marca de uma trajetória (ORTEGA; MANZANO, 2010). Segundo Pillar (1996), ao observar o desenho de uma criança, podemos aprender muito sobre o seu modo de pensar e sobre as habilidades que possui. É interessante pensar que, ao desenharmos, imprimimos nossa marca e registramos traços da nossa personalidade (ORTEGA; MANZANO, 2010).

Segundo as autoras citadas anteriormente, na Educação Infantil, as crianças não produzem arte, mas as experiências que elas têm com a linguagem do desenho são importantes para o desenvolvimento da sensibilidade estética. As crianças aprendem pela experiência e, com o desenho, não é diferente. Quanto maior o contato entre a criança e o desenho, em suas diversas formas e materiais, mais criatividade e prazer sentirá em se expressar, a partir de desenhos. O desenho é o resultado da percepção da criança a respeito das coisas, sendo, também, o meio que a criança usa para se expressar.

Segundo Cunha (2006, p.8)

[...] as ambiências organizadas para educar a infância, contribuem para que as crianças e adultos modelem os modos de ver e (não) ver a si próprios e o mundo, tendo em vista que estas imagens são presença visível carregada de significado e dizeres.

Conforme a autora, as crianças criam desenhos fazendo uso das imagens que as envolvem diariamente e que estão presentes em sua memória. A partir disso, é possível perceber que o desenho é carregado de fatores que influenciam as crianças em suas decisões enquanto desenhavam.

### **3 METODOLOGIA DA PESQUISA: CAMINHOS TRILHADOS**

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de investigação em educação. De acordo com André (1995, p. 17):

[A pesquisa qualitativa] se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa [...], defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.

Para o desenvolvimento desta investigação, foram utilizados, como objetos de análise, desenhos que as crianças fizeram durante encontros pensados para a pesquisa, além de falas dessas crianças durante esses encontros.

Vale mencionar que este trabalho foi realizado respeitando os preceitos éticos da pesquisa acadêmica. Foram encaminhados termos de consentimento tanto para a escola quanto para os pais. Desta forma, quaisquer dados obtidos junto à instituição de ensino estão sob sigilo ético, não sendo mencionados dados como o nome da escola e o nome completo dos alunos envolvidos na pesquisa.

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, é resultado de um estudo de caso com um grupo de quatro crianças. Para a consecução do seu objetivo geral apresentado na próxima seção, foram pensados cinco encontros realizados nos meses de abril e maio, com duração de uma hora cada, quando um conjunto de intervenções pedagógicas foi desenvolvido, a fim de obter dados a partir de desenhos e de conversas com as crianças.

#### **3.1 OBJETIVOS**

Alinhados à indagação deste trabalho, os objetivos geral e específicos são apresentados a seguir.

### **3.1.1 Objetivo Geral**

Compreender os fatores que intervêm nas decisões de crianças pequenas no momento em que se expressam graficamente.

### **3.1.2 Objetivos Específicos**

Para facilitar sua demonstração, o objetivo geral foi desdobrado em três objetivos específicos:

- Analisar as produções e as falas das crianças durante as intervenções
- Verificar que elementos estão presentes nos desenhos das crianças
- Criar categorias a partir da análise dos elementos presentes nas produções e falas das crianças enquanto desenham

## **3.2 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA**

O trabalho de investigação foi realizado em uma escola particular localizada na zona norte de Porto Alegre, cujos alunos são considerados pertencentes à classe média alta. Tal escola foi selecionada para a realização da pesquisa por ter ensino para crianças de zero a seis anos (Educação Infantil). Esta instituição também foi escolhida pela sua localização e pela facilidade em relação ao acesso aos pais e alunos.

O grupo estudado foi formado por quatro crianças, sendo três meninos e uma menina, todos com quatro anos de idade. Os pais dessas crianças são professores e funcionários da escola, condição exigida para a realização das atividades de coleta de dados, pois, tratando-se de uma escola particular, a coordenadora achou melhor que a pesquisa fosse feita com os pais e crianças que eu já conhecia.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Após conversa com a Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil e apresentação de minha proposta de pesquisa para este trabalho, foi determinado o número de crianças que participariam de meus estudos. A coordenadora mostrou-se receptiva à minha proposta, apenas questionando a respeito do uso de imagem e de voz dessas crianças. Antes da conversa com ela, porém, já tinha intenção de não registrar as crianças em fotos. Por isso, esclareci que não faria uso de foto ou de gravações de voz para a apresentação do trabalho, transcrevendo as falas durante os encontros para relatórios manuscritos e usando os desenhos como documento dessas práticas.

As intervenções propostas ao grupo foram pensadas de tal forma que permitissem às crianças, além de participarem das atividades, interferirem no desenvolvimento dessas intervenções.

Sendo assim, o primeiro encontro foi pensado para acontecer em duplas. Nesse encontro, apresentei o giz pastel. A pergunta desencadeadora do encontro era: *Quem conhece o giz pastel?* A partir das respostas das crianças, encaminhei a atividade com elas, que usaram o referido giz numa folha branca tamanho A4.

Um dos objetivos da proposta era que se experimentasse a textura do giz pastel, por ser diferente do giz de cera, material que elas estão mais acostumadas a usar. Esse tipo de giz é muito utilizado em desenhos e tem como característica a dificuldade de usá-lo sem borrar.

No segundo encontro, apresentei ao grupo uma seleção de desenhos de artistas adultos e de crianças. Os desenhos foram escolhidos para que as quatro crianças interagissem com desenhos feitos por diferentes pessoas. Depois de conversarmos sobre os desenhos, fiz o seguinte questionamento: *o que é desenho para vocês?* Após ouvir as respostas sobre a questão, pedi que eles fizessem dois desenhos: de um

objeto escolhido por mim (desenho de observação) e de outro objeto que ficasse perto deles na hora de dormir.

O terceiro encontro foi pensado para acontecer com o grupo todo sentado no chão, retirando, desta forma, as crianças do contexto da mesa, o qual já dominavam. Foram disponibilizados diferentes materiais, para serem usados de forma livre (papel camurça, celofane, giz pastel, giz de cera, carvão, canetinha, lápis de cor, cola e tesoura), com o objetivo de as crianças manipularem diferentes resultados em suas produções. O questionamento foi: *será que conseguimos fazer um desenho usando esses materiais?* Nesse mesmo encontro, após terminadas as produções, pedi que, em casa, as crianças produzissem desenhos com seus pais e trouxessem no encontro seguinte.

O quarto encontro teve um momento destinado à apresentação dos desenhos feitos em casa, com as famílias. Após esse momento, demos uma volta pelo pátio, onde fizemos um furo em uma folha A4 e eu os convidei a olhar através dele. Em outra folha, desenhamos o que vimos a partir daquele furo. A questão central do encontro foi: *o que vimos através do furo?*

No quinto e último encontro, convidei as crianças para fazer desenhos com fitas coloridas. Com isso, a questão principal respondida por elas foi: *será possível desenhar com fita?*

### 3.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Após realizados os encontros, foram definidas três categorias de análise, a partir das quais seriam acolhidas o conteúdo das falas e das produções das crianças, nas intervenções já descritas no item anterior. Estes fatores, descritos a seguir, são: questões de gênero e mídia; presença da família; e cooperação entre pares.

### 3.4.1 Questões de Gênero e Mídia

Esta categoria engloba aspectos definidores da presença do gênero e mídia nas falas e nas produções das crianças. Segundo Joan Scott (1995 *apud* ARAÚJO, 2005), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos.

Ao ter a atenção chamada para essa questão, que em quase todos os encontros mostrou-se presente, por meio de conversas e pelos desenhos realizados pelas crianças, percebi que era importante investigar a contribuição das questões de gênero e mídia no pensamento das crianças sobre os seus próprios desenhos.

É de se esperar que a percepção do *self* dessas crianças pequenas seja fortemente influenciada por sua visão de si mesmas como menino ou menina. Desde que nascem, as crianças pequenas são rotuladas na sociedade baseadas em seu gênero (ANNING, 2009, p. 22).

Com isso, posso me reportar às questões de mídia que percebo terem forte influência sobre as crianças pequenas. Afirmando essa influência a partir da minha própria experiência com as crianças, no meio escolar, onde percebo que a mídia, principalmente desenhos animados e propaganda, estão presentes em seu cotidiano.

Quando é predefinido, tanto por professores quanto por pais ou familiares, o que um menino ou uma menina deve assistir na TV ou com que tipo de brinquedo brincar, está-se influenciando o que pensa sobre ele/a mesmo/a. Um menino, por exemplo, quando é levado ao cinema para ver um filme de carros ou quando é levado para um circo em que a atração mais esperada é um carro, acaba formando um pensamento sobre o que é ser menino e o que é feito para ele, neste caso, o carro.

As singularidades associadas ao tema gênero são analisadas por Louro et al. (2003), ao considerar que as imagens que povoam nosso cotidiano, portanto, devem levar a um questionamento acerca dos processos de constituição das identidades de gênero de adultos e de crianças. Susana Cunha (2005) fala-nos sobre a *pedagogia da*

*visualidade*, explicando que os cenários em que as crianças convivem “atuam e ensinam valores, normas, comportamentos, modos de ver e de ser” (CUNHA, 2005, p.202).

Segundo Susana Cunha (2007), é muito importante entender de que forma as crianças constroem o que representa os seus próprios gêneros e os gêneros dos outros, através das imagens e de objetos que estão presentes de forma muito significativa no cotidiano delas. Tudo que é “de menino” ou de “menina”, na maioria das vezes, surgem através de diálogos e ações vindos dos adultos.

### **3.4.2 Presença da Família**

Esta categoria, por sua vez, visa dar destaque à presença da família no que se refere à intervenção do adulto na produção da criança.

Dizem os psicólogos e confirmam, na prática, professores e psicopedagogos, que não há desenvolvimento equilibrado e saudável da criança, sem a família. A escola contribui para socialização crescente da criança, porém, é na família que ela encontra todos os insumos necessários (autoestima, afetividade, confiança, motivações intrínsecas, quadro de emoções saudáveis, aceitação, autonomia, intencionalidade, decisão, maturidade, respeito, elementos de reciprocidade etc.) para aguar este processo de socialização e de socioafetividade, chão e base de sustentação para o desenvolvimento da aprendizagem. (CARNEIRO, 2010, p. 43)

A criança, a partir do que vive em casa, com a família, obtém contribuições muito significativas para o desenvolvimento de sua aprendizagem e de sua criatividade, além da base para sua autoestima, para o conhecimento de si mesmo e para diversos elementos importantes em seu desenvolvimento. É nas relações que ela vivencia no ambiente familiar e é através das trocas interpessoais que a criança desenvolve sua identidade e sua autoconfiança (CARNEIRO, 2010). Conforme Kaloustian (1988, p.22), a família:

[...] é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que



são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Contar com a família, dentro e fora da escola, é muito positivo. A criança que é incentivada pela família, de diversas formas, tem mais facilidade em aprender e a criar. Como afirma Paulo Freire (2002, p. 62):

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, deve ser feito. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente.

Neste sentido, destaco a importância de provocarmos as crianças, a partir das imagens, para que tenham oportunidade de ampliar seu repertório visual, podendo desenvolvê-lo com frequência em sala de aula, provocando, assim, outro olhar sobre representações já conhecidas por elas, conforme Diefenthaler (2008). Ainda, segundo Volkmer (2014), a produção de desenhos pelas crianças com diversos estereótipos acontece pela associação que fazem entre o que é belo e o que é aceito pela sociedade como belo. Segundo Susana Cunha (*apud* VOLKMER, 2014, p. 28) “as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e a consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos.” Conforme Piaget (*apud* CUNHA, 1988, p. 7):

Cada vez que ensinamos algo a uma criança estamos impedindo que ela descubra por si mesma. Por outro lado, aquilo que permitimos que descubra por si mesma, permanecerá com ela.

Sendo assim, é possível perceber que a intervenção de um adulto, em momentos de aprendizagem de uma criança, deve ser feita de maneira muito cuidadosa. Quando ensinamos algo a uma criança, sem deixar que ela primeiro tente fazer, podemos estar impedindo que ela aprenda, pois, quando uma criança descobre sozinha como fazer alguma coisa, aquele momento a marca de tal maneira que permanece com ela, como aprendizado.

### 3.4.3 Cooperação entre Pares

Esta categoria de análise destaca-se por representar o movimento empreendido pelas crianças durante as atividades e evidenciar a relevância da interação entre pares. Conforme Duran e Vidal (*apud* GODOI, 2012), o termo cooperação pode ser definido como uma relação centrada na aquisição e na aplicação de um conhecimento, estabelecida entre um grupo de indivíduos com habilidades heterogêneas.

lavelberg e Menezes (*apud* VOLKMER, 2014, p. 30) falam da importância da interação durante o desenho das crianças:

[É] através das trocas de repertórios entre elas que seus desenhos ganham detalhes e elementos não pensados anteriormente, tornando possível um avanço gráfico.

De acordo com os estudos realizados por Jacobs e Goh (*apud* GODOI, 2012), ao estabelecer um ambiente de colaboração em um determinado contexto, os envolvidos na situação de ensino e aprendizagem sentem-se motivados a ajudar uns aos outros. Conforme Godoi (2012), as crianças aprendem na troca, na imitação e na incorporação de práticas que ampliem o seu repertório de imagens, ampliando, como consequência, a criatividade delas. Para esta autora, aprender de forma cooperativa está intimamente ligado à interação social.

Piaget [1973] considera a interação entre pares como ação impulsionadora da construção da autonomia. Dessa forma, promover espaços de conversa durante a realização das atividades – aqui em foco o momento do desenho – abre-se possibilidade para que as crianças situem seu ponto de vista entre outros pontos de vista diferentes do seu. Nessa perspectiva DeVries e Zan (1998, p.65) destaca que

os relacionamentos com companheiros também influenciam a natureza do ambiente sócio moral da criança, quando as interações com colegas são encorajadas pelo professor. O interesse pelos companheiros leva as crianças a cooperarem construindo significados compartilhados, resolvendo conflitos e criando e obedecendo as regras.

Em funções dessas considerações destaco a relevância de observar a interação entre as crianças no momento em que desenhavam.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

Este capítulo destina-se à exposição das análises das produções e das falas das crianças durante os encontros realizados ao longo da investigação, tendo presente os fatores definidores das três categorias expostas na seção anterior. Desta forma, abordarei questões que se fizeram relevantes nas produções e nas conversas com as crianças.

Com a questão deflagradora “Quais fatores podem intervir nas decisões das crianças no momento em que desenham?”, surgiram assuntos e desdobramentos na pesquisa, a partir dos quais é possível discutir os fatores que influenciam a criança em seu modo de pensar sobre o desenho. É importante que os resultados não sejam generalizados, tendo em vista que a pesquisa foi realizada com apenas um grupo, em uma escola de educação infantil.

### 4.1 QUESTÕES DE GÊNERO E MÍDIA: “DESENHAR É FAZER O BUMBLEBEE, FAZER CAMINHÃO, CARRO...”

O título desta seção faz referência a um trecho de uma conversa que aconteceu durante o segundo encontro com o grupo e que analiso a seguir. “*Desenhar é fazer o Bumblebee, fazer caminhão, carro...*”<sup>1</sup> foi dito por uma das crianças do grupo, chamando-me a atenção por ter-se repetido na maioria dos encontros, levando-me, com isso, a torná-la uma categoria de análise. Durante o segundo encontro, ao serem questionados sobre o que é desenhar, um dos meninos do grupo responde:

- *Pra mim... (Criança T pensou um pouco) desenhar é fazer o Bumblebee, fazer caminhão, carro...*

---

<sup>1</sup> Tanto as falas das crianças quanto as minhas nas conversas serão colocadas em itálico para diferenciá-las do restante do texto e de minhas intervenções. Os sujeitos da pesquisa serão representados pela palavra Criança acompanhada de uma letra maiúscula, inicial do nome da mesma.

A frase dita por esta criança faz referência a um assunto bastante importante na Educação Infantil, em diversos momentos: questões de gênero e mídia na infância.

- *Tu ‘sabe’ por que eu gosto tanto de Camaro?*
- *Não, por quê?*, respondi.
- *Porque eu tenho um carro amarelo, que é um Camaro que eu dirijo*, explicou a criança T.

Ao me questionar sobre se eu sabia por que ela gostava tanto de Camaro, a criança T mostra-me o que a influenciava a pensar desse modo. Ao me explicar o motivo, confirma a influência de gênero e mídia em sua decisão. Segundo ela, trata-se de um Camaro (marca de carro da General Motors) de frente, no primeiro desenho, à esquerda. No segundo desenho, à direita, trata-se de um Camaro de ré. (Figura 1).

**Figura 1** - Desenho feito pela criança T (4a)<sup>2</sup> no terceiro encontro.



**Fonte:** criança T

**Obs.:** em cima do nome da criança, escrito por ela mesma, foi inserido um retângulo cinza para manter seu anonimato.

De certo modo, o fato de gostar tanto de carro, acaba influenciando não só em seus momentos de lazer fora da escola, mas também nos momentos dessa criança no ambiente escolar ou em atividades relacionadas à escola, como quando, ao pensar sobre o que é desenhar, a criança responde: “desenhar carros”.

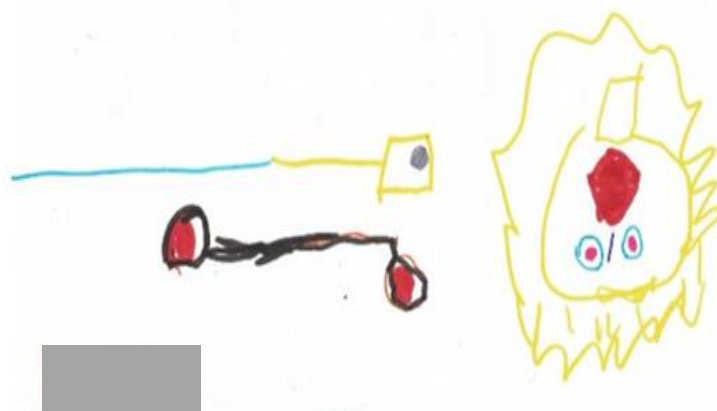
---

<sup>2</sup> Entre parênteses, acompanhando os desenhos, está indicada a idade da criança, em anos.

Durante o segundo encontro com o grupo, fiz o seguinte pedido: *Pessoal, façam um desenho de um objeto que vocês conheçam.* Após conversar com eles sobre o que era um objeto, conversamos sobre os desenhos que eles estavam fazendo. Foi então que a criança T disse:

- *Eu vou fazer um caminhão. Aqui é a cabine dele, a caçamba dele, a direção dele, o motor* (Figura 2).

**Figura 2** - Desenho feito pela criança T, no segundo encontro



**Fonte:** criança T

**Obs.:** em cima do nome da criança, escrito por ela mesma, foi inserido um retângulo para manter seu anonimato.

O primeiro desenho, à esquerda, é um objeto que ela conhece: um caminhão. O segundo desenho, à direita, é um objeto que fica próximo a ela na hora de dormir, uma máscara do Bumbleblee.

Com isso, aproveito para citar outro momento que se mostrou marcante, quando conversávamos sobre os desenhos que as crianças fizeram em casa, com a família. A criança T, citada anteriormente, trouxe um desenho que fez com a ajuda da sua mãe. Nele, além do Camaro desenhado, havia escrito o nome da mãe e o nome (marca) do carro. Foi então que questionei sobre como ela havia aprendido a escrever a palavra que dava nome ao carro. A criança contou-me que havia sido ajudada pela mãe e que já havia ido ao circo, com a família, ver o carro de perto, além de ter assistido à animação Camaro no cinema.

Nesse mesmo encontro, o fator gênero também se mostrou presente na fala da criança L, a única menina do grupo, quando a mesma disse o que desenharia quando pedi para fazerem um desenho de um objeto que ficasse perto deles na hora de dormir.

- *Eu vou fazer a borboleta colada nas minhas gavetas. Borboleta é coisa de menina, né?*

É possível perceber, através da frase dita pela criança L, que situações do seu cotidiano, como a organização espacial e os símbolos presentes em seu quarto, apresentam uma estética com características bem definidas para menina, o que é confirmado quando ela mesma diz “Borboleta é coisa de menina”.

Esta discussão acerca de gênero e mídia está fundamentada na concepção que cada educador possui acerca desses assuntos. Envolve as maneiras como ele acredita que acontece e como influenciam o desenvolvimento das crianças. Acredito ser importante que o educador que atua na Educação Infantil reflita sobre as questões de gênero e mídia, considerando também o ensino de artes, visto que a maneira como abordamos estas temáticas, a partir das nossas práticas pedagógicas em sala de aula, poderá desencadear formações de opiniões, de pensamentos e de maneiras de se expressar.

#### 4.2 PRESENÇA DA FAMÍLIA: “MINHA MÃE ME AJUDOU”

Apresentarei, a seguir, trechos de conversas com as crianças, que me chamaram a atenção e me levaram a tornar este assunto uma categoria de análise. Tudo aconteceu durante o quarto encontro, quando conversamos sobre os desenhos feitos com a família, em casa. Pedi, no encontro anterior, que eles fizessem um desenho junto com seus pais. Então, durante o quarto encontro, conversamos sobre esses desenhos. O primeiro a falar sobre seu desenho (Figura 3) foi a criança T:

- *Eu desenhei um Camaro e daí eu desenhei as portas, tudo aqui, as rodas de preto. Azul aqui pra fazer a escada, pra subir no carro e os nomes aqui e a estrada.*
- *Esse nome aqui é de quem?*, perguntei apontando para o nome que eu já sabia ser da mãe.
- *É da minha mãe*, disse.

- *E este?*, apontando para o nome da criança.
- *Meu.*
- *E como tu aprendeste a escrever o nome do carro que tu desenhaste?*, perguntei indicando a palavra Camaro.
- *A minha mãe que me ajudou*, respondeu a criança T.

**Figura 3** - Desenho feito pela criança T com a família



**Fonte:** criança T

**Obs.:** em cima dos nomes da criança e da mãe foram inseridos retângulos para manter seu anonimato.

A última frase dita pela criança T foi a que mais me chamou a atenção, pelo fato de a mãe, além de ter ajudado a criança a fazer o desenho, também a ajudou a escrever o nome do carro, dando mais subsídios para o desenvolvimento do gosto do menino por carros.

Observando os desenhos de outras duas crianças - M e L -, pude perceber que todas as crianças, na maioria das vezes, representaram formas já vistas e estabelecidas, podendo observar-se formas estereotipadas nos seus desenhos. As duas crianças desenharam suas famílias, sendo que a criança L desenhou sua família olhando pela janela da casa, próximos a uma porta, além do sol, do céu e das nuvens (Figura 4). - *Eu fiz o meu desenho com a minha mãe, é a minha casa*, disse a criança L.

**Figura 4** - Desenho feito pela criança L com a família



**Fonte:** criança L

**Obs.:** em cima do nome da criança, escrito por ela mesma, foi inserido um retângulo para manter seu anonimato.

A criança M desenhou, além da família, algumas borboletas e o sol (Figura 5).

- *Eu desenhei a minha mãe, o meu pai e a minha dinda. Aqui umas flores e umas borboletas. A borboleta tá perto da flor. Minha mãe disse que era legal se eu fizesse borboleta perto da flor.*

**Figura 5** - Desenho feito pela criança M com a família



**Fonte:** criança M

Outro momento que me chamou a atenção para a participação da família aconteceu durante o segundo encontro. Nesse encontro, mostrei para o grupo desenhos de outras crianças e quadros de pintores famosos, como Romero Britto e Leonardo da Vinci. O trecho da conversa a seguir demonstra que o quadro de Romero Britto fazia parte do repertório de



imagens da criança V, por estar presente em seu cotidiano, devido à influência da família.

- *Na minha casa tem um desses*, disse a criança V, apontando para um quadro de Romero Britto.

Também se deu com a criança V o seguinte diálogo sobre seu desenho reproduzido na Figura 6:

- *Outro dia a gente tava jogando futebol, aí começou a chover.*
- *A gente quem?*, perguntei.
- *Meu pai, eu, minha mãe. E aqui 'tá' a bola*, respondeu a criança V.
- *E esse coração aqui?*, perguntei.
- *É da minha mãe, ela que fez*, disse a criança V.

**Figura 6** - Desenho feito pela criança V com a família



**Fonte:** criança V

Na conversa, destaco o momento em que a criança afirma que foi a mãe quem fez o coração presente no seu desenho, como se pode perceber pela figura. Entendo, a partir dos pressupostos destacados anteriormente, que a relação entre a família e a escola deve estar em sintonia e que adultos influentes nas vidas das crianças afetam tanto o que desenham como o modo como desenham.

### 4.3 COOPERAÇÃO ENTRE PARES: “QUER QUE EU FAÇA PRA TI? EU FAÇO.”

Apresentarei, a seguir, trecho de uma conversa entre duas crianças, que me chamou a atenção por ter se repetido, de outras formas, na maioria dos encontros, levando-me a transformar seu tema em uma categoria de análise.

Durante o primeiro encontro com o grupo, a criança V desenhou uma janela, mostrando para a criança L como fazer, que, assim, também conseguiu fazer uma janela em sua casa. A criança V, por sua vez, escreveu seu nome, faltando, porém, duas letras. Conversamos sobre as letras do seu nome, enquanto eu o escrevia em uma folha.

- *Eu não sei fazer essa!*, disse a criança V apontando para a letra R.
- *Eu sei, olha! Quer que eu faça pra ti? Eu faço*, ofereceu-se a criança L.

Primeiro, a criança L fez a letra R em sua própria folha, uma vez espelhada e outra na forma correta.

**Figura 7** - Desenhos da letra R feitos pela criança L em sua própria folha



**Fonte:** criança L

**Obs.:** em cima do nome da criança, escrito por ela mesma, foi inserido um retângulo para manter seu anonimato.

Depois, a criança L fez a letra R na folha da Criança V, que, a seguir, conseguiu reproduzi-la (Figura 8).

**Figura 8** - Desenhos da letra R feitos pelas crianças L e V (à direita)



**Fonte:** crianças L e V

O fato de duas crianças ajudarem-se desde o primeiro encontro chamou-me a atenção para a aprendizagem cooperativa entre elas. Durante o terceiro encontro, a criança V picotou papeis no formato de algumas letras do seu nome sem que eu tivesse pedido. Depois a criança V disse novamente para a criança L que não sabia fazer a letra R, assim como no primeiro encontro:

- *Deixa que eu faço*, respondeu a criança L, desenhando a letra na folha da criança V.

Foi possível observar, durante os trabalhos em grupo realizados em alguns encontros e durante os momentos de interação direta entre os pares, que as crianças possuíam, em suas mãos, a gestão da aprendizagem e o poder de tomar suas próprias decisões, tornando-se protagonistas do processo educativo que ali acontecia. Para o trabalho em grupo ter características de uma aprendizagem cooperativa, é necessário que haja vínculo entre os membros do grupo, respeito e, principalmente, compromisso com ensinar e com aprender (MARTÍ, *apud* GODOI, 2012). Pude perceber esse vínculo, de uma maneira significativa, entre as crianças L e V, que se ajudavam e se ensinavam sempre que uma das duas demonstrava ter dificuldade em alguma tarefa em que o outro demonstrava mais habilidade.

Também foi possível perceber, ao longo dos encontros e das atividades realizadas com o grupo, principalmente nos momentos citados, que esse mesmo par formado pelas crianças L e V acabava por imitar muitas respostas e desenhos uma da outra. Nesse sentido, destaco que, segundo Vygostky (*apud* GODOI, 2012), o papel da imitação no processo de aprendizagem permite um maior desenvolvimento do intelecto, através da incorporação de formas mais inteligentes e avançadas de desenvolver determinado problema.

## 5 CONCLUSÃO

Percebo, como professora, que o desenho é valorizado no meio escolar, principalmente, por razões estéticas, ou seja, apenas é valorizado se for agradável aos olhos de quem vê. Seguidamente, os desenhos das crianças são “maquiados” pelas professoras, escondendo, muitas vezes, dos pais, o processo através do qual a criança foi levada, por vários fatores, a fazê-lo daquela forma específica. Ao longo da pesquisa, passei a entender o desenho como uma das mais importantes formas de expressão das crianças, sendo um instrumento fundamental para entendê-las e para interagir com elas.

Com as intervenções e conversas que realizei durante a pesquisa, pude perceber alguns fatores que influenciam as crianças no momento em que desenhavam. Um desses fatores mostra-nos o quanto as questões de gênero e mídia estão presentes na infância dessas crianças e o quanto influenciam seus desenhos. Com isso, percebe-se, de fato, que as crianças são mais sensíveis e influenciadas pelo que Suzana Rangel (2005) chamou de *pedagogia da visualidade*. As imagens presentes no dia a dia, em filmes, desenhos ou propagandas em meios de comunicação, constituem-nos e constituem o imaginário das crianças sem que nos demos conta e, como consequência, formulam o modo como essas crianças enxergam o mundo e o modo como se expressam.

Através dos desenhos feitos pelas crianças em casa, percebi que a família é outro fator que influencia significativamente as crianças no momento em que desenhavam. Desta forma, a família serve como incentivo para a criatividade das crianças, sendo a base para sua aprendizagem escolar. A família, no meu olhar de educadora, é fonte de autoestima e de criatividade e é onde a aprendizagem começa. Por isso, acredito que a escola e a família, estando em sintonia, contribuem muito para o desenvolvimento da criança.

Concluí que as crianças pesquisadas gostavam de desenhar e divertiam-se com isso. No entanto, percebi que tinham um repertório de imagens muito pequeno, refletindo-se em desenhos estereotipados, o que

me levou a enxergar, também, certa resistência a materiais novos, pois, se eu oferecia, além da folha branca, materiais diferentes para que desenhassem, acabavam escolhendo a tradicional folha branca. Penso que tal comportamento aconteceu devido à falta de momentos destinados ao desenho livre e à ausência de oferta de diferentes materiais na escola, já que, conhecendo a rotina desse grupo de crianças e o ambiente escolar em que convivem, sei que os momentos destinados ao desenho livre e de experimentação são mais raros.

Outro fator que percebi influenciar os momentos em que desenhavam foi a aprendizagem mútua entre as crianças. Entendi, assim, como a cooperação entre os pares, como ocorreu com as crianças L e V, envolveu-os de forma positiva, amplificando seu aprendizado.

Destaco, ainda, a relevância da experiência de investigação em minha formação. A partir da pesquisa, pude perceber a necessidade de romper com a prática comum do desenho na escola, pois tal prática acaba privando as crianças de exporem seus sentimentos e suas opiniões em suas criações. Percebi, também, a partir dos seus desenhos, que as crianças contam muito de si e do meio em que vivem.

Conquanto tais percepções não possam passar de hipóteses sobre a resposta ao questionamento encaminhado neste TCC, dado o pequeno universo de crianças com que trabalhei, creio que a riqueza das intervenções e das manifestações das crianças durante os encontros autorizam-me a sugerir novos estudos sobre esse mesmo tema, a fim de confirmar os achados aqui descritos.

Ao finalizar esta pesquisa, eu própria senti a necessidade, como professora, de analisar e de reavaliar alguns conceitos particulares a respeito dos desenhos das crianças, substituindo minha visão tradicional por outra que tenha o desenho como forma de livre expressão de sentimentos e de compreensão do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANNING, Angela. **Os significados dos desenhos de crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**, vol. 17, nº 2, p. 41-52. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-56652005000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0103-56652005000200004)>. Acesso em 24 mar. 2015.
- CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensivo**, artigo a artigo. 17ª ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CUNHA, Nylse Helena da Silva. **Brinquedo, desafio e descoberta: subsídios e confecção de brinquedos**. Rio de Janeiro, FAE, 1988.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância**. Tese de doutoramento. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79457>>. Acesso em 05 abr. 2015.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **As imagens na educação infantil: uma abordagem a partir da cultura visual**. Florianópolis, 2006. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2009n19p26/10377>. Acesso em 03 abr. 2015.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Desenhos de meninos e meninas: relações entre imaginário e gênero**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em [http://www.gedest.unesc.net/seilacs/genero\\_susanarangel.pdf](http://www.gedest.unesc.net/seilacs/genero_susanarangel.pdf)>. Acesso em 03 abr. 2015.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.) **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- DIEFENTHÄLER, Daniela Link. Provocações imagéticas: o professor como mediador de ações propositoras. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, vol. 16, nº 1, p. 8-26, 2008.
- DEVRIES, Rheta; ZAN, Betty. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio moral na escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GODOI, Lúcia S. G. Zona de desenvolvimento proximal, aprendizagem cooperativa e tutoria entre pares: implicações para a qualificação da prática pedagógica nos centros de educação infantil. **Educação, Gestão e Sociedade**: revista da Faculdade Eça de Queirós, ano 2, nº 8, p. 1-22, dez., 2012.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1988.

LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

ORTEGA, Sheila C.; MANZANO, Cinthia S. Modos de olhar o desenho na educação infantil. Cadernos da Rede: formação de professores. Vol. **Percursos de aprendizagem**: um olhar para o desenho. 2010. Prefeitura Municipal de São Paulo. Disponível em <[http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/Publicacoes/Cad\\_Re de/um%20olhar%20para%20o%20desenho.pdf](http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Documentos/Publicacoes/Cad_Re de/um%20olhar%20para%20o%20desenho.pdf)>. Acesso em 20 abr. 2015.

PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense [1973].

PILLAR, Analice Dutra. **Desenho & escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino as artes**. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

VOLKMER, Daiane C. **Entre riscos e rabiscos**: a visão das crianças sobre o desenho. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.



## **ANEXOS**

**Anexo A** - Carta de apresentação da autora à escola

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS BÁSICOS**

Porto Alegre, 31 de março de 2015.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a universitária PAULA DA SILVA PRASDIO, regularmente matriculada no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a aluna possa realizar trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o qual consiste em propor atividades gráficas para seis alunos de uma turma de Jardim A, sem uso de imagem das crianças (serão usados apenas os desenhos produzidos por elas) e o nome das mesmas.

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da aluna que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

**Profª Dra. Darli Collares**

Professor/a Orientador/a do TCC

**ANEXO B - Termo de consentimento informado**



### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, Paula da Silva Prasdio, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizarei uma pesquisa com seu filho(a). O presente trabalho tem como objetivo pesquisar o que as crianças pensam sobre o desenho, a partir de intervenções realizadas com eles.

A pesquisadora compromete-se a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho e garante que os dados e resultados individuais estão sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito, que venha a ser publicado.

Tem como pesquisadoras responsáveis a Professora Dra. Darli Collares, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientadora, e a aluna do curso de Pedagogia Paula da Silva Prasdio. Ambas se comprometem a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de informações que a participante venha a ter, através do telefone (51) 33083266 e assumem o compromisso de que a participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo aos envolvidos.

**Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu \_\_\_\_\_, Identidade n.º \_\_\_\_\_ responsável pelo aluno/a \_\_\_\_\_, concordo em participar desta pesquisa./**

\_\_\_\_\_  
**Nome do responsável (assinatura)**

\_\_\_\_\_  
**Nome da pesquisadora (assinatura)**

**Data:** \_\_\_\_\_